

# PRESSUPOSTOS DA TEORIA ATOR-REDE PARA OS ESTUDOS DAS PRÁTICAS INFORMACIONAIS

*Ilemar Christina Lansoni Wey Berti\**  
*Carlos Alberto Ávila Araújo\*\**

## RESUMO

A investigação na perspectiva das práticas informacionais dos sujeitos está contemplada na abordagem social dos Estudos de usuários da informação. Incipiente no campo em relação as abordagens tradicional e cognitiva, a abordagem social compreende que a interação das pessoas ao lidar com a informação caracteriza-se por uma construção contínua em busca de interesses permanentes a partir de um imbricamento entre o individual e o coletivo. Nessa perspectiva, essas construções podem parecer “opacas” ou “invisíveis”, porém possíveis de serem apreendidas conforme a adoção de aspectos teóricos e metodológicos específicos e múltiplos devido a sua complexidade. No presente artigo faz-se a apropriação de pressupostos da teoria de Bruno Latour referente a sociologia associativa, a fim de ressaltar o aspecto construtivo das ações dos sujeitos ao lidarem com a informação, articulando as “fontes de incertezas” metodológicas destacadas pelo autor para compreender o social uma relação informacional, possibilitando identificar e propor elementos analíticos para pesquisas com essa abordagem. Conclui-se que a apropriação da sociologia associativa, colabora para as investigações que adotam a abordagem social como associativa, de natureza construtivista, capaz de integrar as outras abordagens, se distanciando da ideia de separação entre os elementos da ação que a compõe.

**Palavras-chave:** Estudos de usuários. Práticas informacionais. Abordagem social. Sociologia associativa. Bruno Latour.

\* Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Bolsista Capes.  
E-mail: ilemar.berti@gmail.com.

\*\* Doutor em Ciências da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil.  
E-mail: casalavila@yahoo.com.br.

## I INTRODUÇÃO

Esse artigo integra uma pesquisa de doutorado em andamento que investiga as práticas informacionais dos sujeitos, ancorada numa perspectiva que compreende o social em contínua construção, em oposição a um social colocado no campo de usuários, ainda que não explícito, como “acabado”, “pronto”. Para compreender a diferença dos “tipos de social” discutido por Latour (2012) e considerar possíveis aproximações para a compreensão

das ações dos sujeitos, é necessário diferenciar o enfoque das três abordagens chamadas de tradicional, cognitiva e social e desmistificar um campo de tensão.

A ideia de separação das abordagens sedimentada pela noção de paradigmas com características específicas, pode contribuir para o não entendimento da ação composta por elementos diferentes, porém heterogêneos, constituindo-se um limitador para a compreensão das ações dos usuários de informação e para a própria noção de práticas informacionais. A

teoria de Bruno Latour em relação ao social construído por associações que incluem humanos e não humanos com base em uma interação simétrica, compreende a condição da informação que perpassar os três paradigmas destacados por Capurro (2003), sem que isso signifique uma separação, contribuindo para o entendimento do movimento que constitui o social e a investigação das práticas informacionais.

## 2 DESENVOLVIMENTO DAS ABORDAGENS DOS ESTUDOS DE USUÁRIOS DA INFORMAÇÃO

Inicialmente, somente as duas primeiras abordagens foram identificadas no campo, a tradicional e a cognitiva, também chamada de alternativa. Segundo Batista e Cunha (2007) sem a percepção clara dos encaminhamentos teóricos e metodológicos adotados, as investigações foram denominadas estudos de comunidades, estudos dos usos de informação e comportamento informacional. Os termos acompanharam as diferentes formas e características de se estudar a informação sob a perspectiva dos sujeitos, apontado em investigações como a de Dervin e Nilan, realizado em 1986. Nesse estudo, os autores anunciaram que, em decorrência da evolução dos estudos de usuários, fruto da complexidade da questão informacional que envolve os sujeitos e suas interações, era possível notar abordagens que propunham olhares diferentes, um para os sistemas e um para os usuários (FERREIRA, 1995).

A abordagem tradicional recebeu esse nome por ser inicialmente hegemônica. Como uma das formas de investigação, tal abordagem compreende a informação como objetiva, aplicada especialmente na avaliação de coleções, indicadores de uso e sistemas de informação, relacionada a “dado”, em que os significados e importância estão em si mesmos. Conhecida por dimensionar melhor a informação de forma técnica e quantitativa, a partir de tipos ou fontes de informação relacionados a taxas demográficas e perfis de usuários, a abordagem tradicional foi desqualificada para alguns estudos por não contemplar a identificação real dos significados e impactos pessoais e sociais da informação. Essa abordagem, segundo Ferreira, não poderia ser indicadora relevante do comportamento de busca e uso da informação (FERREIRA, 1995).

Nesse cenário surge a abordagem cognitiva ou alternativa que ganhou força no campo pela tentativa de superar a abordagem tradicional, criticada principalmente pelo aspecto positivista, vazia de singularidade condição peculiar dos seres humanos. O principal caminho percorrido por essa abordagem, a partir da década de 1970, foi a adoção de teorias e modelos da psicologia behaviorista (*Information behavior*) que se ocupou em discutir a questão da necessidade de informação, representados por investigações ligadas ao comportamento informacional dos usuários (DERVIN, 1983; KUHLTHAU, 1991; TAYLOR, 1986; WILSON, 1981).

Embora a abordagem cognitiva tivesse um olhar para o usuário e possa ser considerada uma alternativa nos estudos do comportamento informacional, muitas questões do contexto foram deixadas de lado, privilegiando o aspecto individualizado do sujeito com a informação. Nesse sentido, o esforço explicativo dessa abordagem também sofreu críticas por considerar os sujeitos como interpretes de uma realidade que também foi colocada como “acabada”, desconsiderando dessa forma a ação do próprio sujeito ao se relacionar com o conhecimento do mundo, sua cultura e seus valores, manifestando a necessidade de um paradigma de superação.

Essa condição do social, entendido como “acabado” ou “pronto”, identificada nos diversos modelos apresentados na abordagem cognitiva, pode ser notada por exemplo, no próprio modelo de Dervin (1983) chamada o *Sense Making* ou no modelo de Kuhlthau (1991). Amplamente representados no campo de usuários, esses modelos, embora considerem questões do âmbito individual (quanto as necessidades pessoais) e do contexto (quanto as situações específicas), vocacionam a achar uma solução para lacunas fechadas ou seriar o comportamento. Desse sentido, ao analisar os modelos que propõe esclarecer as relações informacionais por meio da generalização das práticas, revela um tipo de social visto como estático, anunciando certa limitação ao condicionar as situações do cotidiano, se distanciando da pragmática da vida em resolver problemas do cotidiano, em que a apropriação e a produção de soluções novas são contingentes para resolver problemas igualmente novos.

Considerando esses aspectos, a terceira abordagem chamada de social ou interacionista

(ARAÚJO, 2012), tem sido considerada uma opção relevante ao apresentar a perspectiva da intersubjetividade, que envolve os interesses e valores pessoais construídos na esfera cultural, possibilitando maior compreensão das ações dos sujeitos informacionais. A abordagem social passou a ser discutida por autores como Savolaine (1995), Tajla (1996) e Wilson (2002) a partir do início da década de 1990 sem muita incidência no campo. Estes autores, ancorados numa “epistemologia social” da informação, defendida por Hjørland (2002), Capurro (2003), Rendón Rojas (2005) e Frohmann (2008), postulam que o objeto “informação” contempla além dos aspectos físicos e cognitivos, o aspecto social que Bruno Latour o diferencia como sendo uma construção associativa.

Para o autor, as construções associativas correspondem ao social constituído por elementos de diferentes naturezas, levam em conta o caráter individual, coletivo, cultural, político e ideológico, distinto nas investigações nos aspectos teóricos e metodológicos. Para Capurro (2003) ao diferenciar os paradigmas físico, cognitivo e social, não significou uma separação, por vezes foi mal compreendido. O entendimento a partir da “epistemologia social” afeta o campo de usuários, que embasa o conceito de práticas informacionais, conduzindo as investigações para além da ideia de um social “pronto”, em que os sujeitos agem a partir de estímulos externos, calcado no behaviorismo do ponto de vista cognitivo. Nesse sentido, a distinção do social considerada nas abordagens parece evidente pela proposição em responder questões diferentes para os estudos de usuários, concentradas nas estruturas sociais do conhecimento.

Compreender como e por que as pessoas buscam informação é questão norteadora, numa perspectiva, na qual o social pode ser entendido como “acabado”, a investigação se concentra em como as pessoas interpretam as informações que estão prontas, fazendo referência a uma determinada informação em situação específica, em outra, na qual o social é visto como em construção permanente, a importância está fundamentada em como as pessoas agem com a informação no cotidiano de suas ações, ou seja, no contexto social e cultural que caracteriza um movimento, dentro de uma visão micro e macrosociológica, de um mundo informacional

participativo, permanentemente em construção, de ação recíproca e associativa, encontrada na teoria de Bruno Latour (2012).

### **3 PRESSUPOSTOS DA TEORIA DE BRUNO LATOUR E AS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA OS ESTUDOS DE USUÁRIOS**

A teoria de Bruno Latour (1994, 2011, 2012) está fundamentada em como compreender o social calcado numa abordagem essencialmente construtivista (2012, p. 130) que designa um conjunto teórico e de práticas com vários desdobramentos. O construtivismo, embora distorcido em muitas áreas do conhecimento, se distingue como uma relevante corrente teórica que perpassa as ciências humanas e sociais, desenvolvida com a contribuição de Jean Piaget em meados do século XX. Para o autor, a ideia de conhecimento como representação da realidade (de um mundo que deveria ser apenas interpretado) não fazia sentido, motivando-o a se dedicar na exploração da cognição humana, enfatizando o papel ativo e profundo dos sujeitos com o objeto do conhecimento, a fim de saber como acontece a construção das estruturas do pensamento chamada de epistemologia genética.

A teoria desenvolvida por Piaget defende que a interação do homem com os objetos do conhecimento se contrapõe a ideia de objetividade e subjetividade ou sujeito e objeto, propondo ser uma relação de construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas, localizado no nível intersubjetivo (LA TAILLE, 1992). Portanto, Piaget considera a criação de uma conjuntura de relações interdependentes entre sujeito - sujeito conhecedor- objeto - objeto a conhecer, nas quais não existem partes e sim inteiros que se constituem elemento biológico, experiência com o objeto, vivência social e sobretudo equilíbrio do organismo com o meio.

Tanto para Piaget como para Latour a construção do conhecimento é indissociável da interação do sujeito com os objetos do mundo, constituindo-se um movimento pragmático que possibilitam a construção de um universo coerente de significados que Piaget chama de equilíbrio, ou seja, um novo saber compartilhado (LA TAILLE, 2003). No entanto,

os autores se divergem quanto a centralidade dos sujeitos, defendida por Piaget. Para Latour (2012), no que diz respeito aos aspectos teóricos e metodológicos, a simetria e o relativismo das ações precisam ser assumidos, ao considerar o poder de agência dos objetos, dando a eles espaço de escuta (na mesma intensidade dos sujeitos) por participarem ativamente de um social cada vez mais restrito.

Nesse aspecto, as concepções de Simetria e Relativismo são balizadores para a compreensão da interação dos elementos da ação, na qual a simetria está ligada a condição indissociável dos elementos da ação consideradas unidades de forças iguais por se auto regularem, como no princípio de equilíbrio de Piaget, ou seja, diz a respeito da lógica social. O relativismo é considerado uma característica do movimento do social, possível de ser compreendido no curto espaço de tempo que acontece, em situações microssociológicas associadas e contínuas, referentes ao contexto e a cultura que sinalizam as condições macrosociológicas.

Nesse sentido, apesar do esforço de Bruno Latour em fundamentar a sociologia associativa no construtivismo, o autor adota uma compreensão singular das ações dos sujeitos que interagem com um mundo de fatos, objetos e coisas, que embora diferentes, constituindo-se elementos heterogêneos, sendo necessária uma postura metodológica específica e múltipla que ele a nomeia de “Cartografia das Controvérsias” (LATOUR, 2011). Para Latour, o aspecto metodológico dessa teoria, se desdobra em cinco ‘fontes de incertezas’ que colaboram na desconstrução da ideia de social “pronto” ou “acabado”, desnaturalizando o próprio conhecimento como representação e o assumindo como um constructo dialético.

Na cartografia de Bruno Latour (2011), a primeira fonte de incerteza no qual ele se refere é a necessidade de se desfazer da ideia de grupos. Para o autor, não existe grupos permanentes e sim formação de grupos que fazem e se desfazem, conforme interesses, podendo ser inclusive opostos, controversos e mutáveis. Ao descrever a primeira incerteza, Latour considera a diferença dos termos “intermediários” e “mediadores” como elementos que participam da ação. Os elementos podem assumir uma ou outra posição, sendo que os intermediários são apenas transportadores de outros elementos e

os mediadores da ação, constitui-se como uma caixa preta, de respostas imprevisíveis, capazes de transformar, traduzir, distorcer e modificar os elementos que supostamente vinculam.

A segunda incerteza é definida como ação assumida na rede, a qual são consideradas transparentes, de elementos heterogêneos, misturados, sendo necessária uma observação detalhada da situação para apreendê-la. Nesse caso para Latour, a ideia é de nó, de ligadura ou aglomerado da rede, assumido como um conjunto que precisa ser desemaranhado para compreender os micros acontecimentos do social. Nessa incerteza o autor destaca que o ator é protagonista, mas também um elemento móvel de um conjunto de entidades que debatem na ação associativa.

Na terceira incerteza os objetos ganham projeção nas ações e são considerados para Latour, participantes com forças iguais, heterogêneos que se associam momentaneamente, ou seja, conectados (humanos e não humanos). Nesse caso, a ação é assumida por outro elemento, transferida para outros atores da ação que pode ser qualquer elemento que modifica a situação. Latour destaca que os objetos não podem ser deixados de lado, sendo necessário que ingressem nos relatos das investigações, pois o que dizem faz diferença para a compreensão das ações, nesse caso precisam ser forçados a falar, pois como considera o autor, é mais fácil configurá-los como intermediários.

A quarta incerteza diz sobre o conceito do que seja uma construção. Nesse aspecto, questões de fato e de interesse são anunciados como sendo o ponto de tensão. Latour considera que o conceito de construção é visto frequentemente como pejorativo, como falsificado para determinados fins, porque tem sua origem na intencionalidade das ações que compreendem o social. O autor destaca que normalmente o que parece ser “importante” é naturalizado, como se tivesse nascido sem intenção de ser “feito para perdurar, associado a robustez, com durabilidade e estilo” (2012p. 132) ou seja, não é artesanal. Isso significa que se a construção for revelada perde o seu valor, pois deixa claro a que é designado, sendo que esse movimento é exatamente o que precisa ser capturado, caracterizando as ações associativas.

Finalmente a quinta incerteza é sobre a necessidade de escrever os relatos de riscos e

fazer do texto do autor um mediador que lança luz aos movimentos dos elementos. É uma escrita como objetividade as conexões. O Autor nesse sentido, considera a necessidade da exatidão e veracidade, não sendo apenas a contação de uma história, mas de mostrar como foi confeccionado a ação (*Making of*), comparando ao ato de tecer uma rede, ponto a ponto, considerando todos os elementos participantes como mediadores, dando sentido ao próprio rótulo de ciência do social.

Ao assumir essas incertezas no processo metodológico para desconstruir a ideia do social “pronto” como uma unidade material, o conceito de “*Making Of*” (2012, p. 129 - 138) aparece como pano de fundo pragmático. Latour faz a apropriação do termo *Making of* para se referir a sociologia associativa, que considera como sendo uma construção de cadeias de acontecimentos intencionais que agrupam fatos, pessoas e objetos que constituem uma sócio lógica. O autor argumenta que a palavra “social” como é considerada, se tornou inapropriada para designar um fenômeno de movimento contínuo, isso porque a palavra social como também a palavra sociedade parece ter sedimentado a ideia errônea de uma substância material, “pronta”.

{O social} não designa um domínio da realidade ou um item especial; é antes o nome de um movimento, um deslocamento, uma transformação, uma translação, um registro. É uma associação entre entidades de modo algum reconhecíveis como sociais no sentido corriqueiro, exceto durante o curto instante em que se confundem. (LATOUR, 2012, p. 99, grifo nosso).

O esforço explicativo de Latour é de designar ao social um movimento que acontece em um curto espaço de tempo, do instante que determinada situação fazendo um esforço para expor o porquê das ações. Nesse sentido, pessoas, informações e objetos são elementos (atores) que devem ser ouvidos em situações pontuais, buscando a justificativa do próprio protagonismo dentro da ação, conectadas ao contexto, ou seja, vários pontos que se ligam para determinados fins. Assim, como um tecido social, é confeccionado no tear com vários pontos, o qual esse mesmo é também artesanal. Nesse caso, o social é ao mesmo tempo o tecido e o ponto, interdependentes, um movimento que pode ser apreendido pela aproximação e mapeamento

dessa construção, que se caracteriza como de uma social que não está pronto, mas está sendo construído por diferentes elementos, capaz de ser capturado nas investigações das práticas informacionais.

#### 4 PRÁTICAS INFORMACIONAIS E A SOCIOLOGIA ASSOCIATIVA

Ao aproximar o estudo das práticas informacionais com a teoria de Bruno Latour (2012), pressupostos da sociologia associativa podem contribuir para o entendimento da condição social da informação, impregnando nas ações dos sujeitos informacionais responsabilidades, atribuindo a elas intencionalidade que as envolvem (FROHMANN, 1995). Nesse aspecto, colabora também para desnaturalizar as ações dos sujeitos, se desfazendo da ideia de elementos desconectados, que colocam a informação e os sujeitos separados, como interpretes das representações do mundo que os compõem, atribuindo supostamente ao homem, condição de consumidor do social, ou seja, do mundo informacional, entendido como pronto, acabado, que está à disposição e independem da sua ação.

Nesse sentido, o entendimento do social como uma entidade material, pronta e acabada, como destaca Latour (2012), desloca erroneamente o conceito de Informação, impedindo por vezes a compreensão de sua natureza pragmática. O paradigma social da Ciência da Informação, referência para a abordagem social dos estudos de usuários, pode ser mal interpretado, especialmente quando tratada as dimensões da informação quanto aos aspectos físicos, cognitivo e social, o que na verdade contraria a percepção do que seria a própria concepção de Capurro (1991, 2003) para o paradigma social, um olhar de investigação da perspectiva construtivista, associativa e integradora. Portanto, as dimensões não significam uma separação e sim características de sua natureza, as quais interagem entre si, constituindo-se uma relação que atuam elementos humanos e não humanos

A informação não é um signo, e sim uma relação estabelecida entre dois lugares, o primeiro, que se torna uma periferia, e o segundo, que se torna um centro, sob

a condição de que entre os dois circule um veículo que denominamos muitas vezes forma, mas que, para insistir em seu aspecto material, eu chamo de inscrição (LATOUR, 2000, p.22).

Capurro (1991, 2003) em concordância com a concepção de informação como sendo uma relação, destacada por Latour, concentra sua tese paradigmática na formulação da pergunta: “O que é a informação para?”. A pergunta reflete como no conceito de nó e na noção de simetria e relativismo de Latour (2012), o posicionamento sobre o valor da informação, relacionado as significações e aos contextos estabelecidos nas interações. Nesse sentido, Gonzáles de Gómez (1996), chama a atenção para o conceito do que seja “o contexto” a autora destaca que incluem condições situacionais e de ação, ligado a própria pragmática da solução de problemas da vida, assumindo assim um afastamento da ideia de exclusividade da racionalidade marcada pelo paradigma cognitivo.

Ainda sobre a aproximação teórica de Latour e as práticas Informacionais, tanto Frohmann (1995) como Wersig (1993), consideram os aspectos associativos da informação ligados a ação do homem, configurando-se uma construção a partir do conhecimento produzido, contextualizado, decorrente das informações recebidas e utilizadas para resolver os problemas peculiares da vida, tornando possível a contribuição para melhoria das condições do meio social ao resignificar a informação, conformando também as necessidades de contextos específicos, compondo uma relação dialética com o mundo, se constituindo sujeito da relação compondo a própria ideia de ator.

Araújo (2007, 2013), considera o conceito de práticas Informacionais, procedente da etnometodologia, que significa prática no sentido de dar sentido as suas ações, ligadas especialmente a produção do conhecimento, não cabendo mais a noção de um sujeito que consome uma informação pronta, mantido pela concepção de interprete (de quem escolhe entre uma informação ou outra de forma automatizada) mas de um elemento que é produzido de dentro para fora e para dentro dos sujeitos, nesse contexto a produção e a apropriação fazem dos sujeitos e da informação atores participantes, não tendo como ser diferente, pois não tem opção fora dessa condição.

Savolaine (1995) foi quem primeiro discutiu o conceito de práticas informacionais na dimensão social, ao propor um modelo aberto que possibilita a visualização dos aspectos do cotidiano que ele nomeia como “modo de vida”. Seus apontamentos abarcam as concepções de Bourdieu (1996) que trata sobre o conceito *habitus* colocado como uma dimensão do nível intersubjetivo, pertencente ao indivíduo que compartilha atitudes convencionadas na linguagem compartilhada. Para o autor a própria concepção de como os sujeitos resolvem os seus problemas está vinculado aos aspectos construtivos do conhecimento na dimensão intersubjetiva, que se constitui no intervalo de uma unidade individual e de uma construção social e institucional, convencionada, que só é compreensível com a aproximação situacional, contextual, permeado de personalidades, que possibilita a apreensão do movimento de interação do sujeito com o mundo informacional, constituindo-se ator.

Sobre os aspectos metodológicos, as “fontes de incertezas” apontadas no desenvolvimento da “Cartografia das Controvérsias” de Latour (2012), podem contribuir para a análise das práticas informacionais ao conceber à informação, natureza social, pragmática, contextualizada em situações específicas e apropriadas na ação, como considera Capurro (2003) Wersig (1993) e Frohmann (1995), estabelecendo uma prática investigatória que desconstrói a ideia de “tipo ideal de informação” mas que é impregnada de personalidade, nos “modos de vida”, como descreve Savolaine, (1995) e para resolver os problemas da vida como destaca Wersig (1993). Nesse sentido:

1) Na primeira incerteza, assim como não há grupos, e sim formação de grupos que fazem e se desfazem, conforme interesses que os permeiam, Latour (2012). Não há um estoque de informação útil sem contexto. As informações são produzidas e ganham significado nas interações. Sendo assim, uma informação que para uma determinada pessoa pode ser relevante, para outra pode não ter importância alguma, em outro caso, uma informação pode trazer um universo de lembranças boas e para outra, lembranças ruins e para uma terceira pessoa não fazer sentido algum. O que vai determinar seu valor será a relação existencial que cada qual teve com a informação. Podendo ainda serem

contraditórias, a mesma informação comportar aspectos favoráveis e desfavoráveis por exemplo;

2) Na segunda incerteza, a natureza heterogênea é anunciada por Latour, como sendo responsável por tornar o objeto opaco, invisível e transparente. Nesse aspecto o autor convoca a necessidade da aproximação íntima com a ação e com a situação a fim de capturar a contextualização. Outro aspecto que o autor destaca é a objetivação devido ao seu elementar compartilhamento no constructo social, referente ao espaço comum das unidades convencionadas para ser inteligível.

3) A terceira incerteza, os objetos são considerados atores. Nesse aspecto a informação que pode ser apresentada como objetos concretos e de conteúdo simbólico são convocados a serem ouvidos. Responder nesse caso, o porque são participantes da ação, o que fazem, e em que formato se apresentam, inclusive de que material são feitos e os aspectos de tempo e espaço, quanto a durabilidade espaço – temporal;

4) Essa incerteza diz sobre as questões de fato e interesse, e sobre a apropriação de sentido. Em retomada aos apontamentos de Capurro (1991), de Wersig (1993) e de Frohmann, (1995) essa incerteza busca perceber a intencionalidade das ações, separando o que é visível na ação e o que é invisível, capturado na observação, na documentação e em diferentes métodos e caminhos metodológicos;

5) A última incerteza, trata da necessidade da construção do texto que privilegia a dialética, o contraditório e o confronto das ações, convocando o pesquisador a dar visibilidade aos discursos documentando e revelando a capacidade da informação em manifestações com multiformas.

Assim, com base nas fontes de incertezas, a investigação das práticas informacionais, representam a busca pela informação influenciada pelas interações sociais, de modo que compreende os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. A informação é multidimensional e a investigação das propriedades e das práticas informacionais, seu fluxo, processamento e aplicação é o grande desafio para os estudos da área. Morin (1984), em concordância com este apontamento e reforçando a complexidade da questão, considera o conceito de informação um “encruzilhado”, sendo necessária a aproximação

de outros conceitos e metodologias para dar respostas à análise da realidade social, o que justifica a importante aproximação com a teoria peculiar de Bruno Latour.

Portanto, teorias que embasam modelos, em detrimento da compreensão de como se constroem os significados, valorizam os processos informacionais numa visão unidimensional do pensar, principal crítica aos estudos de comportamento informacional, pois promovem um afastamento das representações simbólicas observadas no campo da interação social. Nota-se, portanto, como pressuposto da perspectiva das práticas Informacionais, a ação do indivíduo, abarcando as explicações da natureza do conhecimento a partir das construções sociais, valorizando as estruturas de formação do conhecimento e não do homem - informação apontada pela teoria cognitiva (TALJA, 1996).

## **5 CONCLUSÃO**

A teoria de Bruno Latour sobre a Sociologia associativa abarca aspectos da teoria Construtivista de Jean Piaget quanto a interação dos sujeitos com os objetos dos conhecimentos, estabelecendo uma condição de ser e estar no mundo. Nesse aspecto, a aproximação das discussões de Latour com o estudo das práticas informacionais, considera as relações dos sujeitos com as informações um constructo social a partir de elaborações contínuas e interdependentes dos contextos situacionais e de ação atribuídos a formação se significados compartilhados formados no âmbito da cultura.

Assim, ao considerar essa característica, a abordagem social da Ciência da informação refere-se relevantes para os estudos das práticas Informacionais, a fim de superar o discurso cognitivista que enrijece as interações em elementos condicionantes e insiste em separar o sujeito do objeto do conhecimento. Nesse sentido, o paradigma social onde repousa as investigações da abordagem social (associativo, construtivo), os quais correspondem as construções contínuas impregnado de valor, construído no nível intersubjetivo caracterizado pelo imbricamento do indivíduo e do coletivo e objetivado nas convenções sociais compartilhadas nas relações e muitas vezes opacas e invisíveis para investigações.

Nesse aspecto, as ações nessa perspectiva, são concebidas como contínuo entre o individual e o coletivo, no nível intersubjetivo, como defendidas por Savoline (1995) ao considerar com o “modo de vida” para a significação da informação nos contextos, caracterizando a centralidade das investigações das práticas

informativas. Conclui-se que a apropriação da sociologia associativa, colabora para as investigações que adotam a abordagem social como aberta, de natureza construtivista, capaz de integrar as outras abordagens, se distanciando da ideia de separação entre os elementos da ação que a compõe.

Artigo recebido em 25/01/2018 e aceito para publicação em 04/05/2018

## ASSUMPTIONS OF ACTOR-NETWORK THEORY FOR INFORMATIONAL PRACTICES OF STUDIES

### ABSTRACT

*The researches from the perspective of informational practices of individual are covered by the social approach of the study user of information. Incipient in the field, in relation to the traditional cognitive approaches, the social approach embraces the interaction of people when dealing with information and is characterized by a continuous building in search of enduring interests, which are in the range between the individual and the collective. From this perspective, these buildings may appear “opaque” or “invisible”, but able to be seized as the adoption of theoretical and methodological aspects specific and multiple due to its complexity. In the present article is based in assumptions of Bruno Latour’s theory regarding the associative sociology in order to emphasize the constructive aspect of the actions of individuals in dealing with information, articulating the “sources of uncertainty” methodological highlighted by the author to understand social informational relationship, allowing to identify and propose analytical elements for research with this approach. We conclude that the appropriation of associative sociology, contributes to the investigations that take social approach as associative, constructivist nature, able to integrate other approaches, distancing the idea of separation between the elements of action that compose it.*

**Keywords:** Study users. Informational practices. Social approach. Associative sociology. Bruno Latour.

### REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: uma abordagem na linha ICS. In: REIS, Alcenir Soares; CABRAL, Ana Maria Rezende (Org.). **Informação, cultura e sociedade: interlocuções e perspectivas**. Belo Horizonte: Novatus, 2007. P. 81-100.

\_\_\_\_\_. Paradigma Social nos estudos de usuários da informação: abordagem interacionista. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v.22, n.1, p. 145-159, jan. /abr. 2012.

\_\_\_\_\_. O sujeito informacional no cruzamento da Ciência da Informação com as Ciências Sociais. XIV, ENANCIB, 2013, Florianópolis, SC. **Anais...** Florianópolis, SC: XIV ENANCIB, 2013. Disponível em: <http://enancib.sites.ufsc.br/index.php/enancib2013/xivenancib/paper/viewFile/142/263>Acesso em 02 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. **Perspectivas em ciência da informação**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-99362007000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362007000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 Apr. 2013.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudo de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**. Sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.

CAPURRO, Rafael. Foundations of information science: review and perspectives. In:

INTERNATIONAL CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND



INFORMATION SCIENCE, 1991, Tampere. **Proceedings...** Tampere, University of

Tampere, 1991. Disponível em: <<http://www.capurro.de/tempere91.htm>>. Acesso em: 20 de março de 2015.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais...**Belo Horizonte: Associação Nacional de pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia, 2003.

DERVIN, Brenda. No overview of sense making research: concepts methods and results to date. In: ANNUAL MEETING OF THE INTERNACIONAL COMMUNICATION ASSOCIATION, 1983, Dallas. **Anais...**Dallas, International Communication Association, 1983.

DERVIN, Brenda; NILAN, Michael. Information needs and uses. **Annual review of information science and technology**. White Plains, NY: Knowledge Industry Publications, v. 21, p. 3-33, 1986.

FERREIRA, Sueli Mara Soares Pinto. Novos paradigmas e novos usuários de informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 2, p. 1-10, 1995.

FROHMANN, Bernd. Taking information policy beyond information Science: Applying the actor network theory. In H. A. Olson, & D. B. Ward (Eds.) **Proceeding of the 23<sup>rd</sup> Annual conference of the Canadian Association for Information Science**, 7-10 June 1995, Edmonton, Alberta. Disponível em:<[http://www.caicsci.ca/proceedings.1995/frohmman\\_1995.pdf](http://www.caicsci.ca/proceedings.1995/frohmman_1995.pdf)> Acesso em: 14 ago 2014.

\_\_\_\_\_. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, MariangelaSpotti Lopes; MARTELETO, Regina Maria; LARA, Marilda Lopes Ginez (Org.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação**

**da informação**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 19-34.

GONZÁLEZ DE GOMÉZ, Maria Nélide. Da organização do conhecimento às políticas de informação. **Informare: caderno do programa de pós-graduação em ciência da informação**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p. 58-66, jul./dez.1996.

HJORLAND, Biger. Principia informatica: foundational theory of information and principles of information services. In: FOURTH CONFERENCE ON CONCEPTIONS OF LIBRARY AND INFORMATION SCIENCE, 4., Greenwood Village, Colorado, 2002. **Proceedings...** Greenwood Village, Colorado, 2002, p. 109 – 121. Disponível em : [http://www.db.dk/bh/core%20concepts%20in%20lis/articles%20a-z/principia\\_informatica.htm](http://www.db.dk/bh/core%20concepts%20in%20lis/articles%20a-z/principia_informatica.htm). Acesso em 02 dez.2015.

KUHLTHAU, Carol. Inside the search process: information seeking from the users perspective. **Journal of the American Society for Information Science**, Washington, v.42, n. 5, p. 361-371, 1991.

LA TAILLE., Y. **O lugar da interação social na concepção de Jean Piaget**. In LA TAILLE; OLIVEIRA, M.K; DANTAS,H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 13.ed. São Paulo: Summus, 1992 p.11-22.

LA TAILLE., Y. *Prefácio*. In, PIAGET, J. **A construção do real na criança**. 3.ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

LATOURE, Bruno. **Jamais Fomos Modernos**. São Paulo: Ed. 34, 1994.

\_\_\_\_\_. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 2.ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

\_\_\_\_\_. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria do ator-rede**. Salvador-Bauru: EDUFBA-EDUSC, 2012.

MORIN, Edgar. **Sociologie**. Paris: Fayard, 1984.

RENDÓN ROJAS, Miguel. Relación entre los conceptos: información, conocimiento y valor.

Semejanzas y diferencias. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 52-61, maio/ago. 2005.

SAVOLAINEN, Reijo. Everyday Life Information Seeking: Approaching Information Seeking in the contexto of "way of life". **Library and Information Science Research**, v. 17, p.259 - 294, 1995.

TALJA, Sanna. Constituting "Information" and "User" as Research Objects: A Theory of Knowledge Formations as an Alternative to the Information Man - Theory. In: VAKKARI, Perti; SAVOLAINEN, Reijo; DERVIN, Brenda (Eds). **Information Seeking in Context**. Londres: Taylor Graham, 1996, p.67-80.

TAYLOR, Robert S. Professional aspects of information science and technology. In: ANNUAL REVIEW OF INFORMATION SCIENCE AND TECHNOLOGY-ARIST, 1986. v.1, p. 15-40.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of postmodern knowledge usage. **Information processing & management**. New York, v. 29, n. 02, march 1993, p. 229-239.

WILSON, Thomas Daniel. On user studies and information needs. *Journal of Documentation*, London, v.37, n. 1, p. 3-15, 1981.

\_\_\_\_\_. Alfred Schutz, phenomenology and research methodology for information behaviour research. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON INFORMATION SEEKING IN CONTEXT, 4, 2002. **Anais...** Lisboa: Universidade Lusíada, 2002.